

GT03: Antropologia (Audio)Visual) e Ciências Sociais: experiências de ensino e pesquisa

Denise Machado Cardoso, Nilson Almino de Freitas

As experiências que envolvem a Antropologia (Audio)Visual no âmbito da pesquisa e do ensino têm sido tema de Grupos de Trabalho e Simpósios Temáticos organizados pelo Comitê de Antropologia Visual em diversos eventos científicos. Nesse GT esperamos discutir o uso das imagens nas diferentes articulações possíveis entre ensino e pesquisa no campo das ciências sociais. Como desdobramento de uma reflexão em desenvolvimento desde a publicação do livro *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa* (Ferraz & Mendonça, 2014), esperamos estender a discussão sobre o uso de imagens do campo da antropologia visual, para as outras áreas das ciências sociais, como forma de dimensionar as limitações e potencialidades epistemológicas e metodológicas no tocante ao uso das linguagens visual, gráfica e audiovisual na sala de aula bem como na pesquisa e resultados elaborados nesses termos em vista de sua aplicabilidade no ensino. Esperamos trabalhos que versam sobre antropologia audiovisual, ética de abordagens com imagens, produção, memórias coletivas, etnografias participativas em imagem e som, uso de mídias, acervos, interlocuções com os campos da política, da performance, da fotografia e do cinema, da curadoria e da experimentação dos modos de narrar e ensinar ciências sociais, tanto no Ensino Básico, quanto no Ensino Superior.

Considerações sobre ensino e história da antropologia visual

Autoria: João M B Mendonça

O ensino de antropologia nos cursos de graduação em Ciências Sociais brasileiros geralmente envolve componentes curriculares de Teoria Antropológica, os quais incluem diferentes perspectivas teóricas. A tendência principal na organização dos assuntos desses cursos de Teoria consiste em adotar uma cronologia, a qual vai de fins do século XIX, com Lewis Morgan, James Frazer e Edward Tylor, até o período contemporâneo, a partir de Clifford Geertz e outros autores. Esse conteúdo costuma ser dividido entre duas ou três disciplinas e ao longo de quase dois anos estudantes são levados à prática de leituras desses diversos autores, de modo que sua formação seja marcada pela história do pensamento antropológico. Esse mesmo tipo de perspectiva serviu de base para a estruturação curricular de um curso de graduação em antropologia que funciona em Rio Tinto-PB desde 2007, seja em relação às disciplinas de Teoria Antropológica como, mas também, em relação às disciplinas de Antropologia Visual I e II. Neste último caso, de modo mais ou menos similar às disciplinas de Teoria Antropológica, dois períodos procuram abranger as obras fundadoras do campo, desde fins do século XIX ao momento contemporâneo. Passa-se portanto, dos usos paradigmáticos da fotografia aos usos do cinema para chegar ao universo digital atual, de modo a que obras e autores "clássicos" do campo sejam abordados. Se por um lado, podemos nesse tipo de currículo, trabalhar também a relação entre autores como Margaret Mead ou Malinowski, desde o ponto de vista da Teoria Antropológica ao da Antropologia Visual, por outro lado, encontramos dificuldades em termos de conciliar aquilo que seriam as demandas e características próprias do ensino de antropologia visual dentro do espaço curricular representado por apenas duas disciplinas (dois semestres). Essa comunicação visa levantar alguns destes problemas relacionados ao ensino de antropologia visual em nível de graduação, em especial aqueles que dizem respeito à história da antropologia visual. Como, por exemplo, superar a concepção maquinica que às vezes caracteriza o ensino, como se a disciplina tratasse apenas de ensinar como se usa uma câmera para fazer bons filmes? Ou ainda, em que medida a perspectiva cronológica adotada acaba por ser mais ou menos eurocêntrica e em quais condições seria possível construir alternativas? Enfim, como a própria história da

antropologia visual, em diferentes países, tornaria possível equacionar melhor as modalidades e desafios do ensino nessa área?

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

